

Festival Música Viva 2008

24 de Setembro de 2008 – 21:00

Lisboa – Centro Cultural de Belém – Pequeno Auditório

QUASARS ENSEMBLE + ORQUESTRA DE ALTIFALANTES II *confronto de estéticas*

O Quasars Ensemble e a Orquestra de Altifalantes num concerto misto apresentam um programa diversificado em torno de figuras de referência da música actual.

O Quasars Ensemble é um jovem ensemble eslovaco de músicos virtuosos que se dedica ao repertório contemporâneo e que se apresenta no Festival Música Viva para partilhar um concerto com a emblemática Orquestra de Altifalantes, numa proposta que visa oferecer diversos pontos de vista sobre a criação musical europeia da actualidade.

Este concerto apresenta por um lado compositores incontornáveis do repertório internacional contemporâneo como Luigi Nono, Salvatore Sciarrino, Michael Jarrell ou Tristan Murail; por outro obras de compositores de nacionalidade portuguesa e eslovaca, numa partilha ou confronto de estéticas que questionam a própria criação musical.

www.quasarsensemble.sk --- www.omega-bakery.com --- www.sitel.sk

direcção e piano: **Ivan Buffa**

flauta: **Andrea Bošková**

oboé: **Júlia Gálová**

clarinete: **Martin Mosorjak**

violino: **Peter Mosorjak**

violino: **Marek Zwiebel**

viola: **Peter Zwiebel**

violoncelo: **Andrej Gál**

piano: **Diana Cibul'ová**

Programa

Luigi Nono - *Omaggio a Emilio Vedova* *

Vladimir Bokes – *Coll'Age* *

Roman Berger - *Sonata 1960* *

Tristan Murail - *Feuilles à travers les cloches* *

Michael Jarrell - *Assonance III* *

António Ferreira - *Fading into white* *

intervalo

Ivan Buffa - *Quasars* **

Petra Oliveira Bachratá - *Bagatelle*

Petra Oliveira Bachratá - *Nunataq*

Salvatore Sciarrino - *Quintettino n°1 per clarinetto e archi* *
Viera Janárceková - *Narratorium* **

Co-produção: *Miso Music Portugal / CCB*

Apoio: *Slovakia Music Fund, Hudobné Entrum (Music Centre Slovakia), Omega, Sitel, Louisom*

* estreia em Portugal

** estreia absoluta

◇ encomenda da Miso Music Portugal

INTÉRPRETES

QUASARS ENSEMBLE

O Quasars Ensemble é um grupo de câmara eslovaco formado recentemente. O seu aparecimento tem origem num longa colaboração dos seus membros, que decidiram estabelecer um único ensemble de jovens intérpretes profissionais com experiência no campo da música solista e de câmara contemporânea. Os membros do Quasars Ensemble provêm de conhecidos grupos de câmara e orquestras eslovacas e de outros países: o Quarteto de Cordas Zwiebel, a Orquestra de Câmara Eslovaca, o Melos-Ethos Ensemble, a Orquestra Sinfónica da Rádio Eslovaca, a Banda Antix de Luzerna, o Ensemble LUX, etc.

O Quasars tem uma composição específica de intérpretes, determinada pela interacção e a inspiração mútua dos seus membros com uma visão comum da interpretação musical.

O seu objectivo é tocar música de todas as épocas, confrontando-as, e apresentar uma visão própria da interpretação musical.

O concerto inaugural do ensemble deu-se em Fevereiro de 2008 e recebeu excelente crítica. Desde então o Quasars apresentou-se já em diversos concertos na Eslováquia, na Polónia e agora em Portugal.



COMPOSITORES e OBRAS

LUIGI NONO

Compositor nascido em 1924 em Veneza. Estudou Direito na Universidade de Pádua e Composição no Conservatório Benedetto-Marcello de Veneza, na classe de Malipiero. Em 1946 encontrou Bruno Maderna, com quem estudou intensamente toda a História da Música. Em 1948 participaram ambos nos cursos de direcção de orquestra de Scherchen. A partir de 1950 frequentou os cursos de Darmstadt, onde estudou com Varèse. Após a estreia de *Il Canto Sospeso* deu aulas sobre o dodecafonismo de Schoenberg e duas conferências escritas com Lachenmann.

Juntou-se ao Partido Comunista Italiano em 1952.

Em 1961 compôs *Intolleranza 1960*, cuja estreia no teatro La Fenice provocou escândalo. A estreia americana em 1965 dirigida por Maderna foi igualmente tempestuosa.

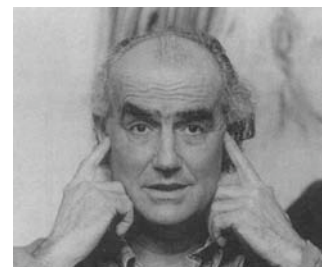
Ensinou pontualmente na Dartington Summerschool of Music e na Universidade de Helsínquia, mas centrou a sua actividade na organização de concertos e debates em fábricas.

Colaborou com Peter Weiss em *L'Instruction* e *The Living Theatre* para *A floresta é jovem e cheia de vida*, cuja banda magnética foi realizada nos estúdios de fonologia da RAI, onde trabalhou regularmente durante a década de 60.

Em 1967, durante um périplo enquanto conferencista pela América do Sul, foi expulso do Peru por ter tomado a defesa dos prisioneiros políticos. Cruzou-se com Fidel Castro e mais tarde com Luciano Cruz, membro do Movimento da Esquerda Revolucionária. Em 1968 participou na Conferência Internacional pelo Vietname e recusou participar na Bienal de Veneza por solidariedade com o movimento estudantil.

A leitura de Hölderlin, a experimentação com a electrónica em tempo-real e o estudo das culturas judaica e grega levaram-no a escrever *Fragmente-Stille, an Diotima* e depois *Prometeo*, em colaboração com o Estúdio experimental da Fundação Heinrich-Strobel. A convite da DAAD deslocou-se a Berlim.

Em 1988 deu as últimas aulas no Centro Acanthes. Morreu em Veneza em 1990.



© cnac-gp/ircam 2007

Omaggio a Emilio Vedova

O que pode fazer a arte face à catástrofe?

Para Luigi Nono esta era uma questão básica subjacente ao seu trabalho. O fim de uma cultura humana digna desse nome, a catástrofe humana, estavam para ele sempre próximas; a extensa colecção de textos e materiais que muitas vezes serviam de base às suas composições é simultaneamente testemunho do mal-estar humano e frustração sócio-política. (...) Esta é a primeira peça electroacústica de Nono, que tinha então contacto próximo com Maderna, Stockhausen e Xenakis, que nessa época faziam experiências na área da música electroacústica. Simultaneamente, Nono interessou-se pelas experiências de Scherchen em Gravesano.

Em 1987 Nono recordava que “em Gravesano, Scherchen inventou um altifalante revolucionário, um altifalante composto de várias membranas. Uma espécie de prisma que projecta sons, rodando de forma inconstante. Esta invenção foi subestimada na época, mas continha uma promessa importante, já que ultrapassou o princípio de uma fonte sonora fixa (...).”

A partir de *Singing in the Expanse of Space: Luigi Nono's Apocalyptic Hope* de Lydia Jeschke (tradução de Laurie Schwartz) para o CD editado pela RZ em 2006

VLADIMIR BOKES

Vladimir Bokes nasceu em 1946 em Bratislava. Estudou violoncelo e Composição com Juraj Pospíšil no conservatório de Bratislava. Prosseguiu os estudos de Composição na Academia de Música e Drama de Bratislava com Alexander Moyzes e Dezider Kardoš.

Foi professor no Conservatório de Bratislava e mais tarde na Academia de Música e Drama de Bratislava, onde ensina Composição desde 1982.

Entre 1993 e 1998 foi director do Comité do Festival Internacional de Música Contemporânea Melos-Ethos.

http://hc.sk/src/skladatel_diela.php?oid=271&lg=en



Coll'Age (Op.28)

Esta peça foi motivada por um estranho debate em torno do conceito de "colagem" em música, que decorreu num encontro de jovens compositores da antiga Checoslováquia e da antiga União Soviética no Castelo Dolna Krupa em 1978, e foi igualmente motivada pelo interessantíssimo duplo significado desta palavra quando misturada com as línguas italiana e francesa, separadas por uma vírgula. Este significado secundário poderia parecer um pouco irónico (nessa época). A ideia principal desta peça vem dos chamados "diatónicos secundários" sobre os quais o compositor trabalhava desde há algum tempo.

Em *Coll'Age* os elementos diatónicos fazem parte da própria série de intervalos.

A forma da obra é A (tutti)- B (solo de violino)- C (quarteto de cordas)- D (cadência de piano)- A (tutti).

A parte A apresenta-se como um "mobile" em forma aberta, na qual cada instrumento utiliza livremente 13 modelos básicos. A parte B para violino solo tem um carácter de um intermezzo improvisado. Na parte C o quarteto de cordas domina todavia conduzindo gradualmente à cadência de piano na parte D, que constitui o climax da obra.

Em 1979 entreguei a partitura a um agrupamento de Praga para ser tocada mas no entretanto passei a ser um compositor "proibido" (após a a minha segunda sinfonia) e como tal a peça nunca chegou a ser interpretada. Nove anos depois desloquei-me a Dresden no âmbito de um intercâmbio com a Musik Hochschule Carl Maria von Weber e finalmente aí teve lugar a estreia pelo Quinteto Robert-Schumann. A estreia eslovaca teve lugar em Kosice com enorme sucesso, mais de 25 anos depois da sua composição, pela mão dos membros do Ensemble Quasars.

ROMAN BERGER

Nasceu em 1930 em Cieszyn. Em 1945 terminou o ensino secundário em Český Těšín e iniciou os estudos musicais em Katowice.

Estudou piano com Frico Kafenda e Štefan Németh-Šamorínsky e depois Composição com Dezider Kardoš na Academia de Música e Drama de Bratislava.

Até 1967 ensinou piano no Conservatório de Bratislava e trabalhou nos Estúdios de Som da Televisão Checoslovaca.

De 1969 a 1971 ensinou música contemporânea do Departamento de Teoria da Academia de Música e Drama de Bratislava. Trabalhou no Instituto de Artes da Academia Eslovaca de Ciências e durante os anos 80 colaborou em estudos de Etnomusicologia com Ivan Mačák.

Em 1990 e 1991 foi membro do Conselho Consultivo do Ministério da Cultura.

Em 1990, 1992, 1995 e 1998 foi membro do júri do Concurso Internacional de Composição Witold Lutoslawski.

<http://hc.sk/src/skladatel.php?lg=en&oid=36>



Sonata 1960

"Juntamente com os meus estudos de piano, no final dos anos 50, dediquei-me a diversas novas técnicas de composição. Comecei por entender algumas delas como "sistemas abertos", ou seja, enquanto um desafio para desenvolvê-las de acordo com a minha própria necessidade de expressão.

Do mesmo modo, compus uma série de miniaturas não dodecafónicas mas todavia seriais para piano e que intitulei *Inventions* (Invenções).

Sonata 1960 é a primeira peça mais longa onde a minha referência ao sistema modal de Messiaen se entrecruza com um allegro proveniente da forma sonata no sentido tradicional do termo. A partir deste ponto, foi necessário apenas um pequeno passo para experimentar integrar o essencial da linguagem contemporânea com os princípios comuns da harmonia tonal (mas não no sentido funcional). Obras como *Transformations* de 1964/1965 ou o ciclo *Konvergenzie* de 1968-1974 foram compostos segundo a problemática de "Xenakis ao gregoriano".

Estes mesmos princípios também aparecem juntos na minha obra "Logical fundamentals of a harmonic system" de 1979."

Roman Berger

TRISTAIN MURAIL

Nascido em 1947, Tristan Murail foi o fundador em 1973 do agrupamento L'itinéraire, cuja acção permitiu o surgimento da corrente designada por música espectral.

Terminou o seu curso de Composição em 1971 no Conservatório de Paris, tendo estudado com Olivier Messiaen. Posteriormente foi compositor residente na Villa Médicis em Roma entre 1971 e 1973.

Depois de várias experiências, acabou por desenvolver um gosto pronunciado pela exploração da ressonância natural, pela investigação da natureza intrínseca do som, bem como pelo estudo aprofundado das suas características acústicas internas, em particular do seu espectro.

O seu trabalho conheceu um novo impulso no início dos anos 1980 com o desenvolvimento da composição assistida por computador, área na qual foi pioneiro e que lhe permitiu aprender e manipular a riqueza dos sons complexos com bastante eficácia.

Compositor reconhecido mundialmente, é igualmente um pedagogo muito solicitado e ensina regularmente no curso de Composição do IRCAM, nos Ferienkurse de Darmstadt e desde há uns anos a esta parte na Universidade de Columbia em Nova Iorque. Escreveu numerosos textos teóricos que se debruçam sobre o seu trabalho estético e composicional, publicados pelas Presses Universitaires de Estrasburgo. A imagem vídeo desempenha um papel cada vez mais importante no seu trabalho, interessando-se pela forma como a imagem pode transformar a percepção da música e vice-versa.



Feuilles à travers les cloches

Tal como é sugerido pela referência directa à primeira peça do II volume das *Images* de Debussy, cujo título *Cloches à travers les feuilles* é aqui invertido, também a intenção musical é invertida em *Feuilles à travers les cloches*. Esta peça baseia-se na articulação de dois planos que interagem. Os sinos (cordas do piano, por vezes acentuadas com outros ataques e sistematicamente combinadas com *pizzicati* de violino em intervalos microtonais) e a folhagem (sons em *flutterzunge* e outros sons mais difusos que sugerem o restolhar) correspondem respectivamente a um primeiro e a um último plano, cuja relação será progressivamente modificada. Este universo sonoro em que predomina a ressonância – o piano é utilizado sem abafadores – refere-se directamente ao piano de Debussy, mas mais genericamente a uma estética que faz da Natureza a fonte ideal de inspiração.

A frase segundo a qual “nada é mais musical do que pôr-do-sol” (Debussy) parece ter sido ouvida directamente por Murail. Apesar desta pequena partitura ter pouco a ver com as intenções de *Ethers*, ainda assim herda certas características rítmicas e métricas e uma sobreposição de diversos estratos. A gramática parece mais uma vez ligada ao pensamento por objectos musicais: os acordes apresentados no início são em número limitado e pertencem a harmonias espectrais ainda menos numerosas. São recorrentes e formam sequências em que os elementos são reformulados ritmicamente, recombinações entre as diferentes partes e dão origem a extensões. A manipulação destes objectos está integrada numa progressão direccional que leva a um clímax nos compassos 16 a 22. Significativamente, o piano deixa o registo agudo onde estava até então e faz incursões sucessivas no registo grave, dando a impressão de inversão. (Pierre Rigaudière, CD on Winter Fragments)

MICHAEL JARRELL

Compositor suíço nascido em Genebra em 1958. Estudou Composição e Belas Artes.

No Conservatório de Genebra estudou Composição na classe de Eric Gaudibert e mais tarde na Staatliche Hochschule für Musik de Freiburg na classe de Klaus Huber.

De 1986 a 1988 esteve na Cité des Arts em Paris e participou no estágio de informática musical do IRCAM. Seguidamente esteve na Villa Médicis em Roma e mais tarde foi membro do Instituto Suíço de Roma. Entre 1991 e 1993 foi compositor-residente da Orquestra de Lyon e em 1996 no Festival de Luzerna. A edição de 2000 do Festival Musica Nova de Helsínquia foi-lhe dedicada. Em 2001 o Festival de Salzburgo encomendou-lhe um concerto para piano e orquestra. Foi professor de Composição na Hochschule für Musik de Viena e depois ensinou no Conservatório Superior de Genebra e de Estrasburgo.

A obra de Jarrell é influenciada por Giacometti e Varèse. Utiliza motivos recorrentes como fios condutores através de um grande número das suas obras, sublinhando o efeito produzido pela repetição de notas. Para Jarrell a escrita musical evoluiu como um sistema em árvore e a ligação às artes plásticas é uma das suas principais fontes de inspiração.

Duas obras dramáticas marcam particularmente a sua carreira: a ópera *Cassandra* integra sons electrónicos na orquestra tradicional para alargar o campo das sonoridades com fins dramaturgicos e depois *Galilei* sobre *A Vida de Galileu* de Bertolt Brecht, encomenda do Grande Teatro de Genebra e estreada em 2006.

Jarrell recebeu o Prémio Acanthes em 1983, o Beethovenpreis de Bona, o Prémio Marescotti, o Prémio Gaudeamus e o Prémio Henriette Renié em 1988, o Prémio Siemens-Förderungspreis e foi nomeado Cavaleiro das Artes e Letras em 2001. © Ircam - Centre Pompidou 2007



Assonance III

“O que me interessa é trabalhar com elementos que domino cada vez melhor, atingir uma certa fluidez e estabelecer uma continuidade significativa entre as obras.”

Michael Jarrell

Esta continuidade entre as obras atinge o seu apogeu com *Assonances*, uma série de obras iniciada em 1983. Concentradas numa ideia e com uma evolução livre no seu interior, renovam simultaneamente a noção de ciclo das *Sequenze* de Berio e a noção de auto-análise de *Chemins*: “voltar a contemplar o texto musical, retomar elementos e experiências, variar a cor instrumental” é o propósito destas obras.

“Os versos dos mais antigos poemas franceses não têm rimas, apenas assonâncias. Dizemos que dois versos são assonantes quando têm a mesma vogal na sílaba tónica da sua última palavra. Não é necessário que os fonemas ou sons precedentes ou seguintes sejam iguais ou diferentes. Não importa a ortografia, mas é indispensável que estas vogais se pronunciem da mesma forma, que tenham o mesmo timbre.”

Michael Jarrell

Escritas para clarinete, para clarinete baixo, para trio de clarinete baixo, violoncelo e piano, para duo de tuba e viola com electrónica (*ad libitum*), para violoncelo e quatro grupos instrumentais, para ensemble, para percussão ou para duas percussões, dois pianos e electrónica, as primeiras *Assonances* constituem os momentos de um ciclo ainda aberto em que o estado instrumental não desleixa o conjunto das suas virtualidades, entregando-se aos limites de uma escrita musical que integra os limites do instrumento.

Michael Jarrell/Laurent Feneyrou

ANTÓNIO FERREIRA

Frequentou o curso de Engenharia Química no Instituto Superior Técnico, tendo trabalhado como analista químico. Ingressou em 1986 no curso de Sonologia do Conservatório Real de Haia onde estudou composição com K. Bhoemer e Clarence Barlow, síntese digital com Paul Berg, programação de sistemas interactivos musicais com Joel Ryan, psico-acústica e processamento de sinal com Simon Templars e técnicas de estúdio analógico com Jaap Vink. Apresentou várias composições suas com electrónica em tempo real no STEIM, Amsterdão, em Den Haag e na Academia Real de Arte de Den Bosch.

Em 1988 ingressou a convite do Prof. Bento Coelho no grupo de Bioacústica do Centro de Análise e Processamento de Sinal do Complexo Interdisciplinar do IST. Em conjunto com o etnólogo Prof. Manuel Eduardo dos Santos do ISPA e o biólogo Giorgio Caporin desenvolveu técnicas de captação e análise das emissões acústicas de uma população de golfinhos residentes no estuário do rio Sado. Participou em congressos internacionais e publica em conjunto vários artigos em conferências. A partir de 1991 trabalhou também como consultor em estudos de impacto ambiental no âmbito do ruído. Desenvolveu, sob orientação do Prof. Bento Coelho, vários programas de previsão de ruído ferroviário, rodoviário e de aeronaves e trabalhou em projectos de acústica de edifícios. Publicou em conjunto vários artigos apresentados em várias conferências internacionais (INTER - Noise).

A partir de 1998 voltou a desenvolver actividades de composição musical em estúdio próprio utilizando computadores. Apresentou artigos na ICMC em Colónia e publicou em conjunto com o compositor Rodney Waschka um artigo na revista holandesa *Interface*. Editou dois discos com composições originais e as suas peças tem sido apresentadas quer em Portugal (Festival Música Viva, Festival de Aveiro) quer em vários festivais internacionais (França, Cuba, Polónia, EUA, Suécia, Singapura, Reino Unido, Brasil, entre outros).

Fading into white

« Un petit coup au carreau, comme si quelque chose l'avait heurté, suivi d'une ample chute légère comme de grains de sable qu'on eût laissé tomber d'une fenêtre au-dessus, puis la chute s'étendant, se réglant, adoptant un rythme, devenant fluide, sonore, musicale, innombrable, universelle : c'était la pluie. »

Marcel Proust (*Du côté de chez Swann – A la recherche du temps perdu*)

Fading into white é uma composição que joga com paisagens evocadas e gestos; com a memória e a metáfora; com a transformação e a permanência. Fragmentos da voz humana abrem e fecham esta composição, referência à indispensável presença humana na produção e recepção da música. Entre os fragmentos, a peça desenvolve-se de uma maneira "clássica", escutando, tratando e cirando um jogo de morfologias impostas e intrínsecas aos vários sons, alguns perfeitamente reconhecíveis. A nossa modalidade de escuta da música através de altifalantes talvez tenha revolucionado a nossa audição da música; mas não mudou o nosso discurso acerca desta. O discurso escrito, tal como o pequeno excerto literário acima citado, pode ser muito sugestivo - e rico de sugestões composicionais.

Esta composição foi estreada mundialmente no X Cycle de concerts de musique par ordinateur-Université de Paris 8 - Saint-Denis, organizado por M. Mary em Março de 2008. Também foi finalista na edição de 2008 do Concours International de Musique et d'Art Sonore Électroacoustique de Bourges (França).

IVAN BUFFA

Compositor e pianista, Ivan Buffa nasceu em 1979 em Košice. Estudou piano e composição no conservatório daquela cidade. Continuou os estudos na Academia de Música e Teatro de Bratislava, onde trabalhou Composição com V. Bokes, tendo depois estudado na Hochschule für Musik und Darstellende Kunst com Michel Jarrell. Em 2005 iniciou o Doutoramento na Academia de Música e Teatro de Bratislava sob a direcção de V. Bokes.

Frequentou os cursos de Composição em Český Krumlov na República Checa, em Reichenau na Áustria e cursos de Interpretação em Viena e Walderbach na Alemanha.

Em 2002 formou o duo de piano com Diana Cibulová e coopera regularmente com o soprano Petra Chiba. Cooperou com o Zwiebel Quartet. É membro do Ensemble LUX, dedicado à música contemporânea, desde 2005.

Tem-se apresentado enquanto compositor e intérprete em diversos concertos e festivais, incluindo diversas estreias de obras de compositores eslovacos e estrangeiros: Melos-Ethos, New Slovak Music, Orpheus, Convergences, Evenings of New Music, Festival de Arte Contemporânea em Košice, Wiener Tage der zeitgenössischen Klaviermusik, concertos da



Companhia Austríaca de Música Contemporânea, Ost-West Podium em Kassel, Aspekte Salzburg, entre outros.
É director artístico do Quasars Ensemble.

Quasars (2008)

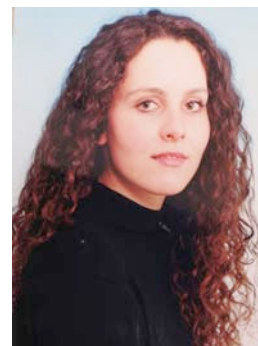
Quasars resulta de materiais da versão anterior para viola e piano (2005). Mantive a parte solista, mas re-trabalhei a parte de piano para dois outros instrumentos de corda e dois sopros.

A inspiração para esta peça não é musical, vem da recente descoberta de objectos muito longínquos no universo denominados quasars.

Apesar da utilização de novas técnicas instrumentais, a forma musical manteve-se dentro do tradicional, para que a obra pudesse permanecer uma composição musical com as qualidades habituais de uma obra puramente musical.

PETRA OLIVEIRA BACHRATÁ

Nascida na Eslováquia estudou composição com Vladimír Bokes na Academia de Música e Drama de Bratislava, onde completou um Mestrado em composição. Tem participado em vários cursos e seminários de composição (IRCAM, Szombathely, Reichenau) orientados por Brian Ferneyhough, Ivan Fedele, Jonathan Harvey, Ivana Loudova, entre outros. Paralelamente aos seus estudos de música, estudou medicina na Faculdade de Medicina da Universidade de Bratislava. Entre 2000 e 2003 exerceu a profissão médica na clínica de neurologia do Hospital Universitário de Bratislava, onde completou a sua especialização em Neurologia. Desde 2005 é estudante de Doutoramento em Composição e música electroacústica na Universidade de Aveiro, sob a orientação de João Pedro Oliveira e Isabel Soveral. Em 2001 recebeu o prémio Ján Levoslav Bella Prize atribuído pelo Fundo Musical Eslovaco. Em 2005 foi finalista do concurso de miniaturas electroacústicas Confluências (Espanha). No mesmo ano recebeu o 1º Prémio no Concurso Música Nova (República Checa) e foi finalista no Concurso Pierre Schaeffer (Itália). Em 2006 foi finalista no Concurso Internacional de Música Electroacústica de Bourges (França) e em 2007 finalista do Concurso Música Nova. As suas obras têm sido tocadas na Europa, USA, Brasil, México, Chile, Cuba e Nova Zelândia.



Bagatelle para piano

Foi composta para o projecto Slovak Composer's FIFTH VARIATIONS. Trata-se de uma colecção de obras consistindo em 44 composições curtas (aprox. 3 minutos cada) para piano solo, por compositores contemporâneos, baseadas num motivo musical idêntico, que consiste no intervalo de uma quinta perfeita (mi bemol – si bemol).

Nesta peça, o motivo mi bemol – si bemol determina a organização estrutural da obra e representa os momentos estáveis a partir dos quais vários gestos musicais (micro e macro estruturais) quebram essa estabilidade, para depois a voltarem a consertar.

Nunataq

Segundo os mitos da antiga civilização inuit (Groenlândia), “Nunataq” significa uma escarpa montanhosa que sai de um iceberg continental.

Nesta peça eu tentei criar a atmosfera dos tempos dessa antiga civilização (escuridão, gelo, nuvens e nevoeiro).

...”Eu não sei nada, mas a vida põe-me constantemente em confronto com forças muito mais poderosas do que eu. Temos experiências de gerações, viver não é fácil e nenhum homem ou mulher escapará ao seu destino. E é por isso que acreditamos no mal. O bem não precisa de atenção especial, uma vez que é bom por natureza e por isso não necessita ser adorado. Por outro lado, o mal, que se esconde e espera por nós na escuridão, ameaçando-nos com tempestades e mau tempo, insinuando-se no meio de nós como um nevoeiro, esse temos que expulsar dos caminhos que percorremos. As pessoas podem tão pouco. Nem sequer sabemos se aquilo em que acreditamos é verdade. Mas decerto há uma coisa que sabemos – o que tiver que acontecer acontecerá...” (excerto de uma história de um velho caçador da Groenlândia).

SALVATORE SCIARRINO

Nascido em Neustadt no Waldnaab em 1965, Clemens Nachtmann iniciou os seus estudos musicais em clarinete, piano e teoria musical na Städtische Musikschule Weiden/Oberpfalz. Após terminar a escola secundária, viveu em Munique durante dois anos e mudou-se para Berlim em 1986, onde completou os seus estudos em Ciências Políticas. Em 1985/86 estudou composição com Wilhelm Killmayer em Munique e no HdK/UdK Studium com Friedrich Goldmann a partir de 1997; estudou ainda teoria musical com Gösta Neuwirth e Hartmut Fladt. Nachtmann trabalha com música electrónica desde 1998 em colaboração com Mathias Spahlinger, Richard Barrett e Helmut Lachenmann. Em 2003 completou com distinção os seus estudos em composição e foi seleccionado para a MasterClass do Professor Goldmann. No Verão de 2004 mudou-se para Graz onde iniciou uma pós-graduação em composição com Beat Furrer, com o apoio de uma bolsa da DAAD. Recebeu formação para o ensino sobre a música do Século XX, treino auditivo e em piano na UdK; foi docente de teoria musical e treino auditivo na Universidade de Música e Artes Performativas de Graz.



Clemens Nachtmann recebeu o terceiro prémio com a obra *Intrecci* para ensemble no Concurso de Composição e Interpretação Hanns-Eisler em 2001; a bolsa do Senado de Berlim para a obra *battery park/NY* para ensemble na temporada 2004/2005; o segundo prémio para a obra *O mei* para ensemble no Concurso de Competição Weimarer Frühjahrsstage für zeitgenössische Musik. Recebeu também o Boris-Blacher-Preis für Komposition der Neuen Musik em 2004. Em 2005, o Festival Ultraschall e o Festival

Frankfurt Auftakt dedicaram-lhe um concerto/ perfil. As suas obras têm sido apresentadas no "Klangwerkstatt Kreuzberg", no ciclo "Unerhörte Musik" no BKA em Berlim, no Ultraschall, na WDR em Köln e no Festival MaerzMusik em Berlim.

Quintettino nº 1 per clarinetto e archi

Nesta miniatura de 1976, Sciarrino transporta o conceito tradicional de ideia musical para o contexto da busca por novas cores nos instrumentos.

Trilos em "flageolet" numa proliferação de figuras constituem o principal gesto musical expressivo.

Este colorido mundo sonoro afecta também a parte de clarinete com o seu glissando ascendente microtonal.

Este mundo naturalista provoca um estreito diálogo entre este dois grupos de instrumentos, cheio de diferentes interligações para um cintilante resultado musical.

VIERA JANÁRCEKOVÁ

Nasceu em Svit em 1941. Estudou piano no Conservatório de Bratislava e depois piano e cravo na Academia de Música e Teatro de Praga.

Foi professora e instrumentista, tendo gravado para diversas rádios e editoras.

Vive na Alemanha desde 1972, tendo iniciado a actividade de compositora em 1981. Assistiu a diversos cursos de Verão em Darmstadt.

Entre 1986 e 1996 recebeu quatro encomendas do Festival "Vom Schweigen befreit" e duas do Festival "Komponistinnen gestern-heute".

De 1989 a 1991 desenvolveu o Projecto Cultural *Heimat* na cidade de Kassel e em 1999 o projecto "Unerhörte Musik", em cooperação com os concertos de música contemporânea de Berlim.

A convite de Gidon Kremer foi compositora-residente no Festival Internacional em Lockenhaus em 2000.

Em 2003 fundou com a violoncelista Barbara Brauckmann o OWP (Este-Oeste-Pódio) em Kassel, para intensificar o intercâmbio cultural entre este e oeste.

http://hc.sk/src/skladatel_diel.php?oid=797&lg=en



Narratorium

Narratorium (Narrativa) descreve a função narrativa, mas em alemão *Narr* significa bobo. É possível descobrir muito, apenas com uma mudança de perspectiva, irracional ou não. A obra de arte encobre a sua fragilidade e simula, a face oficial seria a única possível. A obra proclama esta fractura das ideias iniciais que não têm forma, esta massa coagulada acidentalmente com uma floresta de formas disformes por detrás, como uma unidade completa e acabada.

A minha composição está no oposto do objecto de arte acabado e determinado. Balança entre uma forma cristalizada e aberta.

Narratorium inclui partículas audíveis e não audíveis. Notações elaboradas principalmente em termos rítmicos, mas também padrões melódicos, sons centrais que flutuam todo o tempo por debaixo da versão oficial realmente tocada, como uma sub-corrente dos instrumentistas, apenas intimamente seguida, mas de forma muito intensa. Uma vez que nada se perde no universo, nem uma fagulha, esta energia mental dos instrumentistas interfere com a parte audível da partitura. O sub-texto é uma contraponto com a versão electroacústica e poderia ser tocado em forma acústica, o que seria uma experiência com transformação de categorias – talvez com resultados inesperados.

Viera Janárceková

